

JOÃO ÉMILIO FALCÃO

ANC
p. 2

24 MAR 1988

Senhora Marquesa

COMITÊ BRAZILIENSE

Há alguns dias centenas de servidores tentaram fazer uma passeata até a Assembleia Constituinte para apresentar suas reivindicações, mas foram impedidos por esquema de segurança não visto nem no período militar. Parecia que, em vez de funcionários, alguns encanecidos no serviço público, eram arruaceiros que precisavam ser detidos. Não puderam sequer defender seus direitos.

Do Comitê de Imprensa pôde-se ver o perreamento dos servidores, que estão ameaçados de ter os salários congelados para reduzir o déficit público. Serão os primeiros a pagar os recursos concedidos a empresas falidas e os gastos em obras incompatíveis com as dificuldades atuais. As informações sobre o custo do funcionalismo são diversas, até contraditórias, mas todos culpam. São como o cordeiro da fábula.

Do Comitê de Imprensa pode-se avistar muitos fatos, como a retirada do mármore do Ministério da Justiça porque o acharam feio. O prejuízo, lógico, será recuperado com o congelamento dos servidores. Pôde-se acompanhar, por exemplo, na última terça-feira, à tarde, a ruidosa alegria de rapazes, alguns dos quais votarão nas próximas eleições, e de poucos idosos que vieram do Rio, em dez ônibus, expressar seu apoio ao presidencialismo e ao mandato de cinco anos.

Comovente verificar o ardor cívico com que os jovens abriram largas faixas exal-

tando o Governo por sua política de "tudo pelo social" e com que ressuscitaram o estribilho, "rei, rei, rei", usado antes como rima pobre para Reinaldo, um jogador de que ninguém mais fala e que passou rápido. O mesmo ardor demonstrado nas brincadeiras de subir a rampa até a Esplanada ou pular o muro de acesso à garagem do Senado, em que desgastaram as energias acumuladas na viagem cívica.

Tudo estaria bem, Senhora Marquesa, se não fosse a imprensa, sempre do contra, descobrir que os empolgados manifestantes vieram em ônibus pagos com dinheiro do Governo, que é de todos nós, inclusive dos servidores cujos salários vão ser congelados para combater o déficit público. Estaria ótimo se não tivessem alguns deles afirmado que não sabiam o que era presidencialismo ou parlamentarismo, mas confiavam em que receberiam a casa prometida. Esqueceram-se, pela emoção de informar se terão de pagar ou não a prestação extra de maio, com que se prosseguirá o vigoroso combate ao déficit público.

Alegres manifestantes que da praça do Congresso, a casa do povo, do lugar que é do povo, acompanharam, sem saber o quê, o sepultamento do parlamentarismo, cujos adeptos não receberam, infelizmente, nem rádios nem TVs para defender suas idéias. Eles tinham apenas o ideal de um País melhor, de um regime em que o combate ao déficit público não seja com o sacrifício do povo, mas tudo não passou de um sonho.